



[Atribuição BB CY 4.0](#)

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA INSPIRADA NA PRETAGOGIA E SOCIOPOÉTICA

Wanderson William Fidalgo de Sousa¹
Sabrina Thainara de Sousa Bernardina²

Resumo

O escrito é um relato de experiência da oficina “Pretagogia para desbloquear afrossaberes”, realizada na 17ª Semana do Orgulho de Ser do Grupo Matizes, oferecida pelo Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE) e pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGEI) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Tivemos como objetivo potencializar o corpo de jovens para desbloquear seus afrossaberes. Esta oficina nasce de implicações pessoais após a participação no curso “Pretagogia no Currículo: Bases Teóricas-Práticas”, ministrado por Sandra Haydée Petit. Desse modo, a oficina foi potente, pois o grupo fez emergir os seguintes afrossaberes: uso da fita vermelha como amuleto de proteção contra o mau-olhado, quebranto e energias negativas; uso de ervas medicinais; experiências em terreiros de umbanda e candomblé; relação afetiva com avós e avôs; contação de histórias; estética negra; relação com o chão; e a relação do eucalipto com a espiritualidade.

Palavras-chave

Relato de experiência; Pretagogia; Sociopoética.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), professor da Rede Privada de Ensino. E-mail: wandersonfidalgo33@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), professora Auxiliar da Rede Privada de Ensino. E-mail: sabrina.bernardina.sabrina@gmail.com

Recebido em: 07/03/2025
Aprovado em: 15/09/2025

EXPERIENCE REPORT OF A WORKSHOP INSPIRED BY PRETAGOGY AND SOCIPOETICS

Abstract

This article is an experience report from the workshop "Pretagogy to Unlock Afro-Knowledge," presented during the 17th Matizes Group Pride Week, offered by the Observatory of Youth and Violence in Schools (OBJUVE) and the Center for Studies and Research in Education, Gender, and Citizenship (NEPEGECEI) at the Federal University of Piauí (UFPI). The workshop aims to empower young people to unlock their Afro-Knowledge. This workshop stems from personal insights gained after participating in the course "Pretagogy in the Curriculum: Theoretical-Practical Foundations," taught by Sandra Haydée Petit. The workshop was powerful, as the group brought forth the following Afro-Knowledge: the use of the red ribbon as a protective amulet against the evil eye, curses, and negative energies; the use of medicinal herbs; experiences in Umbanda and Candomblé temples; affective relationship with grandparents; contact with stories; black aesthetics; relationship with the ground; and the relationship between eucalyptus and spirituality.

Keywords

Experience report; Pretagogy; Sociopoetics.

Para este momento, nos valemos da escrita em primeira pessoa, pois somos um corpo-vivo no tecer desse escrito, que parte de uma experiência coletiva com muita gente, pois “quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende” (Santos, 2023, p. 15). O relato de experiência é resultante da oficina intitulada “Pretagogia para desbloquear afrossaberes”, realizada na 17ª Semana do Orgulho de Ser do Grupo Matizes³.

Esta oficina nasce das implicações do autor e da autora ao participarem do curso “Pretagogia no Currículo: Bases Teóricas-Práticas”. Nesse curso, realizamos os seguintes módulos: Pertencimento Afro, Ancestralidade e Transversalidade, ministrados pela professora doutora Sandra Haydée Petit, criadora da Pretagogia. A participação no curso nos oportunizou o reaccessar de nossos afrossaberes, a partir dos conceitos operatórios da Pretagogia e das intervenções realizadas durante o curso.

Nesse movimento, nos inspiramos na Pretagogia e na Sociopoética para propormos a oficina relatada neste escrito. Partimos da compreensão do corpo como locus cultural de saberes, bem como do corpo como arquivo-vivo de múltiplos registros (Martins, 2021). Nesse contexto, nos ancoramos em Gauthier (2012), quando diz que muitos de nossos saberes não se expressam com palavras por terem sido recalcados em nossos músculos e nervos por diversas formas de opressão ou por pertencerem à ordem do silêncio. Assim, devemos pensar, conhecer, pesquisar e aprender com o corpo inteiro, com suas potências da razão, emoção, sensação, intuição, gestualidade, imaginação, criação e experiência.

A oficina, realizada com o uso do dispositivo artístico, nos possibilita uma melhor compreensão do corpo. O conceito de dispositivo na pesquisa Sociopoética tem como inspiração os Círculos de Cultura da obra de Paulo Freire, onde os Círculos de Cultura tornam-se um dispositivo crítico de leitura do mundo. Assim, o desafio da Sociopoética é quebrar a noção de dispositivo

³ O Grupo Matizes é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada em 18 de maio de 2002, cuja missão é a defesa dos direitos humanos, com ênfase na defesa de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT+). Reconhecida entidade de utilidade pública pela Lei Estadual Nº 5811/2008, possui assento nos Conselhos Estadual de Direitos Humanos, nos Conselhos Estadual e Municipal LGBT e no Fórum Municipal de Educação. É filiada ao Movimento Nacional de Direitos Humanos e ao Fórum de Ong's/AIDS do Piauí. Disponível em: <https://matizes.org.br/site/>

marcado pelas relações de poder e saber, como foi analisado por Foucault (Gauthier, 2012).

Em complemento, Petit (2014) ainda potencializa, afirmando que, na Sociopoética, o dispositivo proporciona o surgimento do novo, do heterogêneo, do singular, com as técnicas artísticas utilizadas na produção de dados. Desse modo, temos como objetivo potencializar o corpo de jovens para desbloquear seus afrossaberes. Potencializar o corpo é compreendê-lo como fonte de saber, que articula razão e emoção, um corpo que sente e pensa.

Itinerário Metodológico

A oficina foi realizada em 30/08/23, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), na sala dos núcleos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). A realização dessa oficina foi inspirada na Pretagogia, pois:

[...] vem sendo construído há alguns anos e que toma os valores e os saberes afrorreferenciados como elementos aglutinadores e condutores das experiências de ensino-aprendizagem. Por compreender que as trajetórias dos afrodescendentes têm especificidades históricas e sociais, se assenta numa diversidade de princípios próprios, tais como: 1) o autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradição oral; 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; 8) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro (Petit; 2015, p. 20).

Ao trabalhar com os conceitos e dimensões operacionais, a Pretagogia nos oportuniza uma compreensão de nossos saberes afrorreferenciados e de suas potencialidades, uma vez que o racismo epistêmico “[...] passou a desqualificar e inviabilizar os saberes tradicionais, proporcionando uma completa desconsideração do pensamento filosófico desses povos” (Nogueira, 2014, p. 27).

Além da inspiração na Pretagogia, enquanto sociopoetas realizamos a oficina a partir dos princípios norteadores do método, a saber: o primeiro é a instituição do grupo-pesquisador, no qual cada participante é ativo nos processos da pesquisa, podendo interferir a qualquer momento. Esse princípio é fundamental, tem inspiração nos Círculos de Cultura de Paulo Freire e nos possibilita compreender que uma pesquisa com/entre pessoas é “[...] manter o propósito de não falar em nome, nem no lugar dos outros, de não ser juiz, nem atribuir culpas ao mesmo sentir culpa” (Adad, 2014, p. 44). É o movimento de dar

voz e vez às culturas de resistência, a partir de suas experiências de vida e prática social, como atores e atrizes na aventura científica (Gauthier, 2012).

O segundo é a valorização das culturas dominadas e de resistência, nos permitindo compreender o mundo em uma perspectiva intercultural, crítica e ética, pautada na dialogicidade, nas trocas de experiências de vida e nos referenciais teóricos, políticos, culturais e éticos (Adad, 2014). Esse princípio “[...] valoriza o minúsculo, o esquecido, o silenciado, o suspeito, o invisível [...]” (Adad, 2014, p. 47). É a partir desta orientação que evocamos, junto ao grupo-pesquisador, suas enunciações epistemológicas como grupo-pesquisador da pesquisa e com saberes localizados.

O terceiro é pesquisar com o corpo todo, visto que “os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro, ao equilibrarem as potências da razão pelas da emoção, das sensações, da intuição, da gestualidade, da imaginação” (Gauthier, 2012, p. 74). Na Sociopoética, os corpos misturam-se, fundem-se, tornam-se elásticos e conseguem sair de suas armaduras enrijecidas; o encontro com outros corpos é marcado pela invenção, criação e sensibilização (Adad, 2014). Pensar no corpo todo e suas potências é compreender que “[...] o corpo é, por excelência, local e ambiente da memória [...] a memória grafa-se no corpo, que a registra, transmite e modifica perenemente” (Martins, 2021, p. 89).

O quarto é pesquisar utilizando técnicas artísticas para produção de dados. As técnicas, com uso da arte, atravessadas pela razão, intuição, emoção e sensação, permitem que o grupo-pesquisador seja capaz de analisar, criticar e autocriticar (Adad, 2014). Outro ponto importante é a capacidade do grupo-pesquisador de estranhar a técnica artística, pois “[...] o estranhamento propicia ao grupo a experiência como aquilo que toca e que afeta” (Adad, 2014, p. 53). Petit (2014, p. 44) completa ao dizer que o conhecimento gerado pelo estranhamento “[...] será mais rico do que mediante uma linguagem familiar e rotineira. Para provocar tal estranhamento, são escolhidas [...] técnicas que mexam com os sentidos que os copesquisadores normalmente não utilizam”. O estranhamento é importante, uma vez que permite ao grupo-pesquisador um desenraizamento de seus referenciais (Souza, 2014).

O quinto é a importância da responsabilidade ética, política, noética e espiritual. Neste princípio, temos a síntese dos outros quatro. Aqui, temos “[...] ciência, arte e espiritualidade tecidas e interconectadas aos acontecimentos, aos

eventos, nos devires múltiplos dos grupo-pesquisadores” (Adad, 2014, p. 56). Como facilitador e facilitadora, temos o comprometimento com aquelas e aqueles que caminham conosco em nossas pesquisas.

Diante do exposto, a oficina foi realizada em quatro momentos: 1) apresentação do grupo; 2) relaxamento conduzido com a viagem-imaginária; 3) produção artística; e 4) socialização das produções. Ressalta-se que o grupo-pesquisador foi informado de que cada momento da oficina seria registrado através de fotografias para fins acadêmicos, sem que suas identidades fossem reveladas; assim, obtivemos a anuência para publicação futura.

Oficina de produção artística

A oficina foi realizada com/entre jovens na UFPI. O primeiro momento da oficina é marcado pela chegada do grupo, que é acolhido pela facilitadora, a qual as⁴ orienta a tirar os calçados e sentar-se no chão, um “chão que acolhe corpos singulares absorvidos pelas bordas laterais de outros corpos: próximos, respiráveis, suspirantes, inquietantes” (Teixeira, 2019, p. 1733). Queríamos que o grupo sentisse essa experiência e, principalmente, seu corpo em conexão com o chão, pois deitar e sentir o chão não é uma prática rotineira — um chão que acolhe e sustenta.

Na sala, havia música ambiente com o som de tambores africanos. Quando todas estavam presentes e sentadas no chão, realizamos uma apresentação coletiva, na qual, imaginariamente, uma bola sai de dentro do pote para alguém da roda; a pessoa escolhida deveria se apresentar e, em seguida, jogar a bola para outra pessoa, e assim sucessivamente. Na última apresentação, a bola retorna para dentro do pote. Vejamos o momento de apresentação do grupo:

⁴ Usaremos aqui o pronome feminino, visto que o grupo, em sua maioria, é composto por mulheres.

Imagem 1: Apresentação do grupo.



Fonte: Arquivo da oficina (2024).

Após este momento de apresentação, a facilitadora falou brevemente sobre o reaccessar de seu pertencimento afro após a participação no curso, utilizando a tabela dos conceitos e dimensões operacionais da Pretagogia, além das experiências e vivências em coletividade nos módulos. Em sua fala, foi evidenciado e potencializado seus cabelos crespos como marcador afro de pertencimento. A partir disso, nos unimos ao pensamento de Kilomba (2020), quando diz que o cabelo crespo se tornou um instrumento de consciência política entre africanas/os da diáspora.

Logo em seguida, a facilitadora orientou o grupo a deitar no chão em uma posição confortável, solicitou que fechassem os olhos, pediu que ficassem relaxadas, que esquecessem o mundo externo e que se concentrassem na voz do facilitador, que realizaria uma viagem-imaginária. Vejamos o momento a seguir:

Imagem 2: início do relaxamento.



Fonte: Arquivo da oficina (2024).

Neste momento, nos inspiramos na Sociopoética para aprender com o corpo inteiro. Sendo assim, Gauthier (2012) nos diz que o relaxamento do corpo é importante para que as pessoas parem de racionalizar tudo, se entreguem totalmente e deixem surgir os conteúdos sem censura, que estão recalcados em seus corpos. Assim, buscamos relaxar o corpo do grupo para que este corpo-arquivo (Martins, 2019) acesse suas memórias relacionadas aos seus afrossaberes, em um movimento de desbloqueio. E o mesmo tempo o questionamento: é possível que o grupo se entregue totalmente, sem censura?

Nesse sentido, nosso papel é facilitar, por meio de perguntas norteadoras, a reflexão sobre saberes que já emergem do próprio grupo. **Desbloquear**, aqui, assume o sentido de **reacessar**, de outra maneira, esses saberes, incorporados e encarnados no corpo vivencial e experiencial das participantes (Najmanovich, 2001). Vejamos o facilitador durante a viagem-imaginária:

Imagem 3: Leitura da viagem-imaginária.



Fonte: Arquivo da oficina (2024).

No quadro a seguir, o roteiro da viagem-imaginária:

Quadro 1: Roteiro da viagem-imaginária:

Respire fundo e solte o ar. Você irá retornar à sua infância, adolescência ou vida adulta. Você está no seu território. Você caminha neste território e vê um ancestral sentado ao chão. Quem é esse ancestral? Qual é seu nome? Você se aproxima com cuidado e estabelece um diálogo de troca de afrossaberes. Neste diálogo, você pergunta sobre a história do seu nome, as histórias da sua linhagem, inclusive agregados, e sobre mitos e lendas de seu povo. Nesse território, você sente o cheiro e os sabores da sua infância, adolescência ou vida adulta e imagina os modos de comer. Quais são os modos de comer? Em seguida, seu ancestral começa a falar sobre práticas e valores de iniciação, ritos de transmissão e ensino. Quais são eles? Conversando com seu ancestral, você ouve músicas, cantos, toques, ritmos e estilos afro, que lhe acolhem. Nesse momento, você se levanta do chão cuidadosamente e convida seu ancestral para dançar. Quais são esses ritmos? Após este momento, vocês dois retornam para o chão e começam a falar sobre os cabelos: cabelos afros, que são encaracolados, cacheados e crespos. Você aceita seu cabelo? Como é seu cabelo? Seu ancestral agora está falando de sua relação com a África. Você consegue estabelecer relação com a África? Qual é essa relação? Seu ancestral precisa se despedir. Quais afrossaberes, ditos e não ditos, surgiram nesse encontro? Agora, você irá retornar; então mexa seu corpo de um lado para o outro e abra seus olhos.

Fonte: Criação do facilitador e facilitadora (2024).

No retorno da viagem-imaginária, o grupo encontrou, no chão, materiais à sua disposição para realizar a produção artística. Para isso, além dos materiais, havia som ambiente, favorecendo o processo de criação. Nesse contexto, Gauthier (2012) ressalta a importância de que a produção dos dados aconteça

imediatamente após o retorno do relaxamento, para que o grupo não racionalize tanto. A seguir, imagens do momento de criação pelo grupo:

Imagem 4: Produção artística.



Fonte: Arquivo da oficina (2024).

Imagem 5: Produção artística.



Fonte: Arquivo da oficina (2024).

Imagem 6: produção artística.



Fonte: Arquivo da oficina (2024).

Imagem 7: produções do grupo.



Fonte: Arquivo da oficina (2024).

Após a finalização das produções artísticas pelo grupo, foi realizada uma socialização. Esse momento foi enriquecedor e potente. O grupo nos apresentou os seguintes afrossaberes: **uso da fita vermelha como amuleto de proteção contra o mau-olhado, quebranto e energias negativas; uso de ervas medicinais; experiências em terreiros de umbanda e candomblé; relação afetiva com avós e avôs; contação de histórias; estética negra; relação com o chão; relação do eucalipto com a espiritualidade;** entre outros afrossaberes, que foram apresentados pelo grupo por meio da produção artística e do relato oral. Vejamos a produção “*Minhas-impressões*” e o relato oral⁵.

⁵ Infelizmente as gravações dos relatos orais foram perdidas e conseguimos transcrever apenas a produção acima.

Os pés deixam marcas, impressões por onde passo. Eu não tive muito essa questão de conhecer a ancestralidade da minha família. Fui criada só pela minha mãe e pelo meu irmão; então, a gente era uma família bem pequena. Essa memória que eu desbloqueei foi justamente com minha mãe, e eu fiz dois pés.

Desde pequena, sempre fui muito danada, e na minha casa havia um quintal do tamanho desta sala, com uma árvore; eu sempre gostava de ficar brincando lá descalça. Minha mãe sempre brigava, porque dizia que eu iria ficar com dor de barriga, pois de manhã era mais frio, e ela dizia que pisar no chão frio daria dor de barriga — mas eu sempre teimava.

Outra coisa que destravou foi sobre limpar a casa: minha mãe colocava sal grosso nos cantinhos da casa ou em potinhos em lugares específicos para tirar o olho gordo. Também lembrei da fitinha, pois sempre que pego um gato de rua, coloco uma fitinha nele como proteção.



Nesse sentido, podemos perceber, na fala da participante, os marcadores de africanidade que são: **relação com a natureza; relação com o chão (vivências e simbologias); práticas e valores de iniciação/ritos de transmissão e ensino**, a partir dos conceitos e dimensões operacionais da Pretagogia. Assim, o objetivo da oficina foi alcançado ao oportunizar o reaccessar dos afrossaberes da participante, assim como das demais.

Conclusão

A oficina “Pretagogia para desbloquear afrossaberes” foi potente, pois aprendemos com o corpo todo em sua potência como epistêmico. Nesse sentido, as implicações iniciais do autor e da autora, com inspiração na Pretagogia e Sociopoética, contribuíram para o grupo uma reflexão sobre o acesso aos saberes a partir do corpo e mente.

Desse modo, emergiram os afrossaberes do grupo, tais como: uso da fita vermelha como amuleto de proteção contra o mau-olhado, quebranto e energias

negativas; uso de ervas medicinais; experiências em terreiros de umbanda e candomblé; relação afetiva com avós e avôs; contação de histórias; estética negra; relação com o chão; e a relação do eucalipto com a espiritualidade. Portanto, pensar o corpo e suas potências é uma prática emergente, pois nosso corpo é um arquivo, mas, para acessá-lo, é necessária sua potencialização e revitalização.

Referências

- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. *In*: ADAD, [et al.] **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza: EdUECE, 2014.
- GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.
- LARROSA, Jorge. **Escritos sobre experiência**; Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.
- NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado questões** - para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas - Biblioteca Nacional, 2014.
- PETIT, Sandra Haydée. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. *In*: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (orgs.). **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética**. Fortaleza: EDUECE, 2014.
- PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- TEIXEIRA, Leticia Pereira. Chão: o sentido do “entre”. **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança** - ANDA. Salvador: ANDA, 2019. p. 1732-1737.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SOUZA, Sandro Soares de. Memória, cotidianidade e implicações: construindo o diário de itinerância na pesquisa. *In*: SILVA COSTA, Hercilene Maria e; ADAD,

Anexo

Quadro 2: Conceitos e dimensões operacionais.

Conceitos operatórios	Dimensões operacionais
Ancestralidade Processos iniciáticos	Linhagem (ns:) biológica(s) com agregados/as, e seres sob diversas formas (do Òrun, da galáxia, natureza, mundo mineral, símbolos de sacralidade); linhagens simbólicas como as linhagens de ofício, do terreiro, da capoeira, relações de compadrio, pessoas referências da comunidade, da família - temporalidade circular - simbologia - ritual educação iniciática - Corpo Memória.
Pertencimento	Vivências – interação – empatia – informações- práticas de conexão - práticas corporais, práticas artístico-culturais, autobiografia (enraizamento), autoimagem, biografia comunitária, simbologia do nome, ou apelido senso de destino/propósito – objetos símbolos de mim.
Espiritualidade	Relação com o cosmos (somos o cosmo) – /troca/cosmoconexão/tudo em tudo, todos em todos/roda (todos cabem) /incorporação de seres/energias e elementos/importância da natureza/senso de comunidade cósmica; Sacralidade do Corpo, do Movimento (Movimentações das energias sacralizadas/ancestrais/magia/mandinga; Falas da Oralidade (todas as formas de comunicação do corpo, inclusive semióticas, também o silêncio); Respeito (Honrar a si, às outras/aos outros, às energias, aos ensinamentos, Senhoridade, Senso de Responsabilidade/Compromisso - sobretudo perante a comunidade; Hospitalidade /receptividade/integração do outro e da outra como renovação/ressignificação/valorização/interação/intergeracionalidade/afetividade/convivência/proximidade; Oferenda: o aceitar/aprender a dar e também receber como agradecimento/dádiva/potência/reenergização/solidariedades/senso de coletividade/retroalimentação; Corpo-Dança Afroancestral (Dança como comunicação com o Divino/o movimento essência/movimento dádiva); Cuidado (consigo e com o outro afetividade/práticas de cura).
Transversalidade	Perpassa várias áreas de conhecimento sem fragmentação, fluindo ; Admite e promove diversidade de linguagens/tecnologias: do corpo, da literatura oral, das oralidades em geral, pode dialogar com o virtual e o eletrônico, mas não isola essas dimensões das éticas e estéticas afroancestrais; Constrói o conhecimento de modo mais circular do que linear, com muitas aberturas e possibilidades de compreensão; Transita nas coisas da vida, como na expressão “capoeira na roda, capoeira na vida” (com gingas, esquivas, singularidade, astúcia e agilidade, enfrentando e admitindo o amigável, o conflituoso, a imprevisibilidade, sempre na conversa com os seres e os elementos); Realiza alacridade: investindo com intensidade no fomento da potência da alegria, da festa, do júbilo, levando a sério a alegria, com dedicação, força vital; Incorpora a ludicidade, o brincar .

Fonte: Sandra Petit.